



Revista Filosofia Capital
ISSN 1982 6613

Vol. 1, Edição 2, Ano 2006.

**BREVE ANÁLISE FILOSÓFICA DA PESSOA HUMANA
DO PERÍODO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO**

Moura Tolledo
mouratolledo@bol.com.br

Brasília-DF

2006



BREVE ANÁLISE FILOSÓFICA DA PESSOA HUMANA DO PERÍODO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO

Moura Tolledo¹
mouratolledo@bol.com.br

Resumo

A concepção clássica da pessoa humana que vem desde a filosofia pré-socrática, estabelece inumeráveis formas de expressão filosófica e antropológica. Ao longo da história é possível encontrar presente, problemáticas que contribuíram e continuaram a contribuir na reflexão do 'ser humano'.

Palavras-Chave: Pessoa humana – Filosófica – Antropológica – História.

Breve Análise Filosófica da Pessoa Humana

Do Período Clássico ao Contemporâneo

A concepção clássica do homem que vem desde a filosofia pré-socrática, na qual, exalta a superioridade do homem sobre os outros animais, revela uma ligação entre o olhar humano e a ordem cósmica, mostrando a aptidão do homem para a contemplação dos astros; a habilidade das mãos humanas; a prerrogativa da linguagem; a manifestação do pensamento, ou seja, a idéia do homem como estrutura corporal-espiritual, cuja natureza se manifesta na cultura por meio de suas obras.

Com a idéia de alma que é a sede da existência ou virtude, Sócrates introduz no campo das idéias antropológicas a idéia da personalidade moral, na qual, é regido todo o princípio da *ética* e do *direito* em nossa civilização. Por sua vez, Platão, com sua '*teoria das idéias*', cria uma realidade transcendente e o dualismo alma-corpo. Dando abertura para séculos mais tarde encontrar no cristianismo sua plena expressão, pois uni intimamente a filosofia e a religião.

¹ Graduando de Filosofia pela UCB.



Como podemos observar a concepção clássica do homem estabelece uma infinidade de indagações filosóficas e também, conseqüentemente, antropológicas. Portanto, no decorrer da história humana encontra-se a presença imanente de problemas que contribuem e contribuirão para sempre na reflexão do *'ser humano'* e de sua *'existência'*.

Haja vista, o individuo vivencia a cada compreensão de mundo, uma nova visão da realidade, na qual, é possível que tais experiências transmutem o próprio meio ao qual está inserido. Essa nova visão, ou abertura de compreensão, pode seguir dois caminhos: 1) uma abordagem convencional a respeito da influencia do pensamento cartesiano-newtoniano, ou seja, a concepção mecanicista da vida, onde a pessoa humana e todo seu sistema orgânico são limitadamente reduzidos à máquina; 2) uma vertente holística, ou seja, pela qual possam fluir como um movimento positivo de mudança social, que vai desde a *'ecologia'* a *'medicina'* e a *'psicologia'* a *'economia'*. Observa-se então, que surge um paradigma holístico de *'ciência'* e de *'espírito'*.

É obvio que o modelo cartesiano ainda domina as ciências humanas, contudo, trouxe ao homem alguns impactos provocados por essa concepção reducionista mecanicista da pessoa humana.

Segundo o pensamento marxista, houve uma série de considerações a respeito do conceito de pessoa humana, para que fosse possível estabelecer entre o ser antropológico e o animal as suas distinções.

(...) Como para o homem socialista toda a assim chamada história universal nada mais é do que a produção do homem pelo trabalho humano o *vir-a-ser* na natureza para o tem assim a prova evidente, irrefutável, de seu nascimento de si mesmo, de seu processo de origem. (...). (MARX, v. 35, p. 21-22).

O trabalho é, pois, constitutivo do campo do fazer humano. E sendo o homem determinado um ser antropológico, dotado de organismo biológico, deixa então, de ser



somente um fato para ser também um valor. E este valor evidencia-se no surgimento da consciência, e embora o ser limite-se as cercanias do ambiente em vive, devido a sua fragilidade em relação a dos animais, esta limitação abre-lhe um campo de ação indefinível. Pois ele cria, inventa e graças a sua consciência, constrói, elabora, projeta sua própria vida.

Aqui Marx, define seu pensamento com relação à pessoa humana:

(...) a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. (...). (MARX, v. 35, p. 202).

A genuína efetivação da natureza humana como algo real, está segundo pensamento marxista, no socialismo, que surgiu para afirmar a essência de pessoa humana superando sua alienação, despertando o ser e dando-lhe conhecimento das ilusórias necessidades e da realidade de suas necessidades verdadeiras. “(...) Não é a consciência dos homens que determina sua existência, mas, ao contrário, é a sua existência social que determina a sua consciência”.²

Assim, se o ser humano, coloca em uso seu pensamento autônomo, faz de sua atividade vital um objeto de sua vontade e consciência, contribuindo com a lei do belo, naturalmente distingue-se dos animais. Todavia, se o ser humano, não coloca em uso seu pensamento autônomo, entrega-se ao trabalho alienado, inverte a relação, transformando a sua atividade vital, o seu ser, unicamente em um meio para suprir sua existência animalizando-se.

Todo papel da pessoa humana está engendrado numa ordem social que reconduz o ser humano a si mesmo, levando-o a superação do isolamento e esclarecendo o paradigma entre objeto e sujeito, mundo e homem, identidade e existência e a própria essência do ser antropológico.

Mas quais as implicações antropológicas na qual diz que a existência precede a

² Marx, Contribuição para a crítica da economia. Prefácio.



essência? Pois bem, quando a vida humana gira em torno de um *'Deus'*, inevitavelmente é retirada da pessoa humana toda a sua responsabilidade de escolha, todo o seu livre-arbítrio, toda a sua dignidade e liberdade humana. Com isso, é possível questionar: Onde fica então, a responsabilidade com a humanidade? De acordo com o pensamento sartreano, há um novo modelo de pensar a realidade, afirmando *'que o ser humano não é mais do que o que ele é para si mesmo, pois é o seu próprio projeto e só existe na medida em que se realiza'*. Para o filósofo o ser antropológico existe, projeta-se, descobre-se e só então chega a uma definição de si mesmo. No momento em que Sartre determina que a existência precede a essência, dá uma amplidão incontestável com relação a origem do homem. Cabe então, uma problemática: Se *a priori* concebemos que Deus é a causa primeira e única de todas as coisas, e sua origem remonta a dias infinitos, quanto tempo teria o ser antropológico na visão sartreana?

Por outro lado, as condições da existência humana – a própria vida, natalidade e a mortalidade, a mundanidade, a pluralidade e o planeta Terra – jamais podem *'explicar'* o que somos pelas simples razão de que jamais nos condicionam de modo absoluto. (...) Mas hoje podemos quase dizer que já demonstramos, até mesmo cientificamente, que embora vivamos agora, e talvez tenhamos que viver sempre, sob condições terrenas, não somos meras criaturas terrenas. A moderna ciência natural deve os seus maiores triunfos ao fato de ter olhado e tratado a natural terrena de um ponto de vista verdadeiramente universal (...) (ARENDDT, 1994, P. 19).

É importante repetir, que o modelo cartesiano ainda domina sim, as ciências humanas, e, além disso, trouxe para a pessoa humana alguns impactos provocados por tal concepção reducionista mecanicista da pessoa humana na contemporaneidade, como as descobertas no campo biológico e neurobiológico, principalmente no que diz respeito ao código genético e à estrutura do DNA.

O fato é que todo indivíduo deve encaminhar a sua reflexão na tentativa de descobrir



outra linguagem. Talvez seja um erro acreditar que a existência humana surgiu do mundo das idéias. Talvez seja preciso ir além dos mecanismos do relógio, do modelo cartesiano. Talvez se deva pensar que existe algo além da *'eterna necessidade natural'* do homem que é a realização pelo trabalho. Talvez seja um engano pensar que a relação do homem, *'consigo mesmo'* é marcada pela *'inquietação, angústia e o desespero'*. Talvez seja necessário entender a doutrina do *'eterno retorno'*. Talvez se deva aceitar a *'liberdade'*, pois ela representa a possibilidade de escolha. Por fim, talvez seja outro erro acreditar que toda a lógica está no nível molecular.



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARENDDT, H. *A condição humana*. São Paulo: Scipione, 1994.

MARX, K. *Marx*. Os pensadores. São Paulo: Abril, 1974.

_____. *Contribuição para a crítica da economia*. Zahar, s/d